

Quanto à agressão: seus aspectos onto e filogenéticos, suas manifestações no processo psicanalítico¹

On aggression: its onto and phylogenetic aspects, its manifestations in the psychoanalytic process

Anna Kattrin Kemper

Resumo

A autora e seus colaboradores colocam a agressividade como uma necessidade psicofísica autônoma, que leva o ser à busca do outro, a serviço da sobrevivência. No seu estado de extrema dependência, a criança se contacta com o primeiro objeto, com a pele e com a boca, através de movimentos e fantasias, podendo, desde as primeiras experiências, vivenciar a agressividade no sentido de um “*ad-gredi*” curioso e carinhoso com o qual intenta a grande aventura do viver, como, também, se dar conta de sua possibilidade destrutiva. Em perspectiva de Humanidade, a conquista da Lua e a destruição atômica são exemplos desses dois aspectos do fenômeno agressividade. São referidos alguns dados sobre comportamento agressivo nas sociedades humanas primitivas, em algumas espécies animais e em alguns grupos indígenas. Finalmente, são citados três exemplos de manifestações agressivas em relação a processos psicanalíticos. Na primeira situação, a agressividade explodiu antes do tratamento que se iniciou em plena fase de autodestruição. O encontro do objeto bom possibilitou a salvação. No segundo episódio, a agressividade se manifestou durante o processo psicanalítico, em relação à mãe, vivenciada como objeto mau. Essa mudança da paciente trouxe, como decorrência, alteração para melhor no comportamento da mãe e uma convivência em outros termos. Na terceira situação a agressividade se manifestou durante a análise, contra a terapeuta e foi trabalhada produtivamente no nível transferencial.

Palavras-chave: Agressividade. Curiosidade. Destrutividade. Objeto bom e objeto mau.

Abstract

The author and her collaborators see aggressiveness as an autonomous psycho-physical need, that impels the human being to search for the other, in order to survive. In his state of extreme dependence, the child is in contact with his first object, using his skin and mouth, through movements and fantasies, being able to, from these first experiences, feel aggressiveness not only in the sense of a curious and loving “ad-gredi way”, with which he initiates the great adventure of living, but also to become aware of his destructive possibility. In perspective of Humanity, the conquest of the moon and the atomic destruction are examples of these two aspects of the aggression phenomenon. Some

1. Com a colaboração de Edson Lannes e Henrique Baez. Trabalho apresentado no 11º Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise, no Rio de Janeiro, em novembro de 1973.

data are referred to on the aggressive behavior in primitive human societies, in some animal species and in some indian groups. Finally, the author gives three examples of the manifestations of aggression in relation to the psychoanalytical process. In the first situation, the aggression exploded before the treatment, which started in the phase of total self-destruction. The fact of having found a good object enabled the patient to recover. In the second episode, the aggression was manifested during the psychoanalytical process, in relation to the mother, who was felt as a bad object. This change in the patient brought about, as a result, improvements in his mother's behavior, and a better relationship between the two. In the third situation the aggression was manifested during analysis, against the therapist and it was worked through productively on a transferential basis.

Keywords: Aggressiveness. Curiosity; Destructiveness; Good object and bad object.

“Os porcos-espinho aconchegaram-se para se aquecer num dia frio, mas quando começaram a se espetar tiveram que se dispersar”.

Schopenhauer

Tanto o fato de que o tema para o atual Congresso foi escolhido num encontro pacífico de três unidades do Círculo em Belo Horizonte, em 1971, como o fato de que seus relatórios principais se concretizaram em trabalho de equipes, evidenciam que a aproximação aos outros, o “ser com” (HEIDEGGER, 1927) está no foco de nossa tarefa. Neste trabalho consideraremos a agressão em seus aspectos diversos, suas origens filo e ontogenéticas e, de maneira especial, sob o ponto de vista da psicanálise moderna, como imaginada, revelada e observada no processo psicanalítico.

Parece óbvio que a agressividade corresponde, na esfera antropológica, a uma necessidade psicofísica do ser humano a serviço de sua sobrevivência. Esta concepção transparece em Freud de maneira indireta, quando em 1920 considerou a agressividade como fenômeno autônomo e não, como até então, apenas entrelaçada com pulsões libidinosas (FREUD, 1955). Não concordamos com a antiga concepção de Freud de que as pulsões de Eros se fundem em cada caso com as de Tanatos. A língua latina define a agressividade, o “*ad-gredi*”, como maneira pela qual o indivíduo se intenciona e se enfrenta na busca de contato com o outro (HEIDEGGER, 1927). O indivíduo não sobrevive sem impulsos agressivos, sejam eles imaginados ou concretamente vivenciados. O ser humano, comparado com animais elevados (vacas, cavalos e outros), nasce um ano mais cedo (PORTMANN *apud* GEHLEN, 1940). Considerando a extrema dependência infantil (FAIRBAIRN, 1952) e outros fatores, especialmente de caráter sensitivo, achamos que o contato epidérmico, tanto nos últimos meses do estado intrauterino como nos primeiros tempos extrauterinos, inclusive durante o nascimento, se mostra de decisiva influência para a maneira com que a criança pequena se intenciona (dirige) ao mundo.

Não há dúvida de que o contato epidérmico da criança pequena com o primeiro objeto (mãe) destina de maneira fundamental seu contato com os outros (KEMPER, 1966). Vemos mais e mais na clínica analítica como a relação bipessoal condiciona tanto a relação tri como a multipessoal. A mesma influência possibilita de maneira mais óbvia o desenvolvimento motor, mesmo se restringe, nas primeiras semanas da vida, em função de necessidade psicobiológica (imperativa), a capacidade da boca de pegar o mamilo para chupar o leite. Podemos dizer que a criança pequena garante sua sobrevivência em rela-

ção com o primeiro objeto principalmente através de impulsos ad-gressivos de natureza captativa (SCHULTZ-HENCKE, s/d). Assim se estabelece a aproximação, o encontro. A criança pequena machuca (morde) o mamilo com a gengiva já nos primeiros dias de vida. Ela pode ter, devido à imagem de que o pormenor é representativo do completo, a sensação de estar estraçalhando a mãe ao morder o seio (KLEIN, 1948). A criança pequena, depois de experiências em que as agressões de caráter arcaico não destruíram o objeto hostilizado, desenvolverá, durante os primeiros meses de vida, o “*ad-gredi*”, a aproximação de caráter curioso e carinhoso.

Como exemplo disso, podemos citar uma criança de alguns dias, nascida sob ameaças concretas (bombardeio na Alemanha) que causou, por sua avidez, obviamente em função do instinto de vida, de autoconservação (FREUD, 1955), uma infecção no peito da mãe. Foi feita a intervenção cirúrgica necessária. A circunstância de que o dreno implantado não desviou suficientemente o pus, fez com que a criança chupasse o leite com quantidades pequenas de pus. Apesar disso e da dor das mamadas, a mãe não desistiu de amamentá-la. Isso contribuiu decisivamente para seu desenvolvimento bom. Na situação, se a mãe tivesse se poupado poderia haver problemas sérios no desenvolvimento. A criança teria a imagem de ter destruído a mãe.

Desde a pré-história remota do ser humano até hoje em dia, a agressão se manifesta em seus aspectos destrutivos (Hiroxima) e construtivos (a conquista da lua). As viagens espaciais não podem ser consideradas como resultado de mania de grandeza. Elas correspondem a uma manifestação. De conhecimentos científicos exatos aplicados a um *ad-gredi* aos até ainda desconhecidos absolutos. Outras pesquisas científicas, de maneira especial na medicina, provam também a iniciativa do ser humano de dominar a destruição. O filme 2001, feito como *science-fiction*, refletindo de maneira simbólica aspectos culturais, mostra afinal a mesma solução. Quando os macacos usam os ossos como armas para atacar e defender, a terra, o mar, o ar se tornam cheios de cores, como fontes maravilhosas. E esta terra tão intensamente iluminada era considerada como base de uma nave do espaço em direção a um outro planeta. A odisséia do filme, desenrolando-se no espaço, adaptada de maneira simbólica ao tempo atual em variantes de caráter vago, lembra o mito de Ulisses. Tornando-se este mito, entretanto, com a conquista da lua, uma realidade, de que outros progressos culturais o *ad-gredi* do ser humano se mostrará capaz?

As raízes da agressividade humana têm sido procuradas pelos pesquisadores de várias ciências. Comparando-se culturas humanas de todos os tempos ou observando-se o comportamento animal, tenta-se melhor compreensão

deste aspecto do comportamento humano. Segundo K. Lorenz (1968), é mais que provável que a intensidade destrutiva da pulsão de agressão, ainda um mal hereditário da humanidade, seja a consequência de um processo de seleção intraespecífica que atuou em nossos antepassados por um período de aproximadamente quarenta mil anos, ou seja, durante a Idade da Pedra. Quando o homem atingiu o estágio de possuir armas, roupas e organização social, desta forma superando os perigos da fome, do frio e de ser comido por animais selvagens, e esses perigos cessaram de ser os fatores essenciais influenciando a seleção, uma seleção intraespecífica maligna deve ter-se iniciado. As guerras entre as tribos hostis passaram a ser fator de seleção. As “virtudes” guerreiras devem ter-se desenvolvido em forma externa, ideal esse ainda hoje considerado desejável por muitos.

Na preservação de uma espécie animal, a agressão intraespecífica é utilizada na divisão do ambiente entre os membros de uma espécie, de modo que todos possam existir, bem como na escolha do melhor pai e da melhor mãe para benefício e proteção da prole. O conhecimento do fato de que a pulsão agressiva é um instinto verdadeiro que visa, primariamente, à preservação da espécie nos torna capazes de reconhecer seu perigo: é a espontaneidade do instinto que o torna tão perigoso. Se fosse apenas uma reação a certos fatores externos, como dizem muitos sociólogos e psicólogos, o estado da humanidade não seria tão perigoso como é, porque neste caso os fatores que provocam a reação poderiam ser eliminados com alguma esperança de êxito. Wallace Craig (1918), ainda numa citação de Lorenz, chamou a atenção para o fato de que, literalmente, todo padrão motor instintivo, mesmo a coordenação locomotora mais simples, faz nascer seu próprio apetite autônomo sempre que a estimulação adequada for retirada.

É óbvio que os mecanismos de comportamento instintivo não foram suficientes para lidar com as novas circunstâncias que a cultura produziu em seu início. Existe evidência de que os primeiros inventores de ferramentas de pedras, os *Australopithecus* africanos, rapidamente usaram sua arma para matar não somente caça, mas também membros de sua espécie, como Lorenz se refere. O homem de Pequim, que aprendeu a preservar o fogo, também o utilizou para assar seu irmão. Ainda segundo Lorenz, também é muito provável que o primeiro Caim, após ter atingido um membro de sua tribo com uma ferramenta de pedra, ficou profundamente preocupado com as consequências de sua ação. Pode-se dizer que o primeiro matador se deu conta plenamente da enormidade do seu feito. Já existia uma forma primitiva de responsabilidade. Há uma apreciação instintiva da vida e da morte. Alguns pássaros e mamíferos

mais inteligentes e sociáveis reagem de forma altamente dramática à morte de um membro de suas espécies. Este fenômeno se manifesta quando os gansos *greylag* abrem suas asas sobre um amigo que está morrendo, emitindo um som defensivo. No zoológico de Munique um elefante muito amistoso, ao brincar com seu tratador, feriu-o gravemente. Parece que o elefante percebeu que algo de perigoso tinha acontecido ao seu amigo e, com a melhor das intenções, fez o pior: ficou em cima do ferido, não possibilitando o socorro. Também um chimpanzé adulto enraivecido mordeu gravemente um pesquisador. Após passar a raiva, muito preocupado, tentou juntar as feridas com seus dedos.

Lorenz cita os estudos psicanalíticos e psicossociológicos realizados por Sidney Margolin (1960) nos índios da planície americana, particularmente os Utes, demonstrando que estes índios sofrem grandemente de um excesso do impulso agressivo que não pode ser descarregado sob as condições atuais de vida do índio norte-americano. É a opinião de Margolin que durante os comparativamente poucos séculos em que os índios da planície levaram uma vida selvagem, consistindo quase que inteiramente em guerra, deve ter existido uma pressão seletiva produzindo uma agressividade extrema. É bem possível que isto tenha produzido modificações no padrão hereditário em tempo curto. Os animais domésticos podem também ser modificados, de maneira rápida, pela seleção dirigida. Os índios Utes sofrem mais frequentemente de neuroses do que qualquer outro grupo humano, e Margolin constatou que a causa era a agressão não descarregada.

Uma ligação pessoal, na opinião de Lorenz, é encontrada somente em animais com agressão intraespecífica (entre membros da mesma espécie), e esta ligação é tanto mais firme quanto mais agressivos forem o animal e a espécie. Sem dúvida a ligação pessoal desenvolveu-se numa fase de evolução em que, em espécies agressivas, a cooperação de dois ou mais indivíduos era necessária para a preservação da espécie. A agressão intraespecífica é milhares de anos mais antiga do que a amizade pessoal. Durante longos períodos da história da terra existiram apenas animais que eram extraordinariamente agressivos. No entanto, a ligação pessoal é conhecida somente em peixes teleósteos, pássaros e mamíferos, isto é, em animais que não apareceram antes do período terciário. Sendo assim, podemos dizer que a agressão intraespecífica certamente pode existir sem o amor, mas, inversamente, não há amor sem agressão.

Na minha prática psicanalítica, um paciente ilustrou de maneira fora do comum o tema em vigor, em alguns de seus aspectos. Paulo, vinte anos, jogador de destaque num time esportivo de qualidade internacional, apresentou-se no treino final, na concentração, com uma suspeita de úlcera de duodeno, que

o impossibilitou de disputar o jogo decisivo. Como aspectos pessoais significativos, demonstrava inteligência e sensibilidade incomuns. Submisso, se adaptava relativamente bem a grupos. Destacava-se num certo sentido, tanto entre os camaradas do time, como em casa, por não usar linguagem vulgar. Era, em geral, um “outsider”. Paulo se sentia em casa muito dominado pela mãe. Era obrigado a comportar-se como a irmã, quatro anos mais velha, que concordava com tudo que era exigido pela mãe, única pessoa da casa que se arrogou o direito de ser agressiva e grosseira. O pai era um homem fraco, meio doente, que, para ter paz, concordava com tudo que sua mulher achava. O ambiente da casa de Paulo correspondia, desde o seu nascimento, ao de um grupo de pessoas que necessitam, para falar num exemplo ilustrativo, submeter-se plenamente ao “cabo”, para não sofrer demais a situação de soldado.

Paulo, acostumado a este papel, veio, no entanto, a ouvir sucessivamente muitos elogios à sua agilidade e à sua importância para o time. Pela primeira vez destacava-se na vida como alguém de valor especial. O treinador do time mais e mais exigia dele que entrasse no ataque, em vez de ficar na defesa, onde já era excepcional. Esta situação se tornou para ele muito problemática. Paulo sentiu, de maneira crescente, muita raiva contra o treinador, pessoa muito rude, mas com a qual a maioria do time, também rude, não se preocupava. A situação chegou a seu clímax no treino final, em que ele se sentiu muito exigido, inclusive pelos companheiros, a avançar. Quando o treinador, obviamente para provocar Paulo, xingou-o de “filho da puta”, ele se desorientou e avançou nele, agredindo-o de maneira violenta.

O paciente, lembrando-se no decorrer do tratamento dessa cena, disse: “eu perdi todo o controle, vi vermelho e avancei nele com unhas e dentes”. Um dia, no hospital em que visitei o paciente diariamente, assisti ao pedido de desculpas do treinador, sem dúvida um homem rude, mas cheio de manifestações emotivas. Certamente o paciente projetou a mãe, o “cabo”, no treinador e para isso contribuiu intensamente, como fator desencadeante, o palavrão utilizado.

Fui chamada para ver Paulo por uma pessoa de influência especial na sua vida, que me forneceu, diariamente, até duas vezes por dia, no início, as últimas notícias dos médicos. O médico-chefe da equipe, profissional de renome, concordou com minha chamada, porque não viu mais solução para o caso. O paciente, que sofria há quinze dias constantes hemorragias internas, tornou-se mais e mais apático. Era nutrido por sonda e recebia transfusões de sangue diárias. Apesar disso, já perdera 25 quilos. Três operações feitas não foram suficientes, como os médicos disseram, para a compreensão do quadro clínico

que o paciente manifestou. A diminuição da resistência psicofísica era de tal maneira óbvia que a conclusão de que o paciente apresentava um processo de autoaniquilação parecia válida. O paciente teve, a partir do entreechoque com o treinador, hemorragias internas causadas evidentemente pelo ódio e pela culpa arcaicos, compactamente projetados no treinador. Havia um outro aspecto implícito na situação que era o de que Paulo, jogador de classe internacional, que vivia principalmente em função de vitórias do seu time, perdia, com as referidas operações, toda a chance para o que considerava sua única profissão. Ele inesperadamente verificou que sua carreira, seu futuro profissional e monetário acabavam com as operações a que se submeteu. Ele não estava preparado naquele tempo para exercer uma outra profissão mais ou menos adequada. A agressão (o ódio) arcaica, pela lei de talião mortalmente temida em suas desastrosas consequências para o futuro, fê-lo sentir-se existencialmente como se nada mais tivesse a esperar da vida.

Quando visitei Paulo pela primeira vez, levei um susto. Vi alguém tão apático e melancólico como nunca antes, com um aspecto angélico, quer dizer, como alguém que já estava em parte além da terra. Aceitei o paciente arriscando uma tentativa terapêutica, por causa dos intensos pedidos da pessoa amiga de Paulo, que inegavelmente muito o considerava. Restringi-me na primeira visita, sentada a seu lado, apenas a comunicações não verbais, simbolicamente transmitidas. Tomei lugar mais perto do paciente, quando percebi que a enfermeira o coisificava, perturbando a atmosfera terapêutica. Consegui imediatamente depois que essa enfermeira mecânica e controladora, que poderia lembrar demais a mãe, fosse trocada por uma outra, mais jovem e meiga.

Na segunda visita fiquei sozinha com o paciente, e houve uma atmosfera melhor, não perturbada por ninguém. Sentei-me perto do paciente, mais uma vez muda e em disposição receptiva. Percebi que o paciente me olhava de vez em quando como alguém que examina. Já lhe tinham falado quem eu era. Depois de quatorze minutos, provavelmente em função de um discreto riso meu, ele caiu num sono profundo. O resultado desta visita evidenciou-se pelo fato de que o paciente logo depois disse ao médico clínico da equipe, o mais importante para ele, que concordava com minhas vindas diárias. Animada por esta resposta e em concordância com os médicos, pedi que todas as visitas fossem formalmente proibidas, especialmente as da família. Falei com os pais sobre o estado sério do filho, pedindo-lhes que não ficassem constantemente na sala de visitas do hospital. Pedi à enfermeira, que estava disposta a colaborar comigo, que controlasse as visitas que o paciente obviamente mal suportava no momento.

Daí em diante consegui, pouco a pouco, que o paciente sentisse que alguém estava a seu lado sem exigir nada. Ouvi dos médicos que ele parou de piorar. Dois dias depois, ouvi que os exames clínicos do paciente melhoraram. Ele não precisava ser mais nutrido por sonda, e recebeu transfusão de sangue apenas alguns dias mais. Ainda mais animada por estes resultados, visitei o paciente, em alguns dias, duas vezes. Falou comigo também pelo telefone. No fim da terceira semana da minha intensa dedicação o paciente comunicou-me pelo telefone que sonhou que falara tudo comigo. Em torno desta notícia de caráter prospectivo começou, na noite deste dia, nosso diálogo sobre o que se refletiu na situação traumática do treino e especialmente sobre sua determinação primária. O paciente, pela sua sensibilidade e capacidade de intuir fora do comum, entendeu e suportou muitas vezes mais do que eu esperava. Começou a reconhecer que projetou a mãe no treinador na situação referida. Percebeu que vivenciava a mãe desde pequeno como “cabo”, a quem a gente tem que obedecer. Assim pôde entrar, durante mais duas semanas de minhas visitas no hospital, em constantes melhoras, em tudo que parecia necessário. Verifiquei que esta reação terapêutica construtiva estava principalmente em função de que ele sabia que estava num estado existencial de decisão entre a vida e a morte.

O paciente progrediu de tal maneira que pôde falar de toda a sua pré-história, especialmente a da primeira infância, na qual adquiriu, em função do ódio arcaico, graves sentimentos de culpa. Tornou-se mais e mais compreensível para ele que as hemorragias internas podiam ser vistas como “estouros” internos, com os quais ele se castigou inconscientemente por causa do ataque contra o treinador, vivenciado como mãe. Na sétima semana de sua doença o paciente saiu do hospital e ficou dois meses na casa de outros parentes, porque mal suportava ver a mãe. A situação com ela tornou-se cada vez mais tensa, ao ponto de parecer melhor solução que ele preparasse uma longa estada na casa de parentes na Inglaterra. Em função desse plano me restaram mais seis semanas, nas quais focalizei o tratamento principalmente na elaboração da dependência infantil. Na Inglaterra o paciente continuou sua análise e se preparou para outra profissão.

Dois anos mais tarde, vindo ao Brasil, visitou-me. Tinha melhorado muito e estava trabalhando. Voltou, como ouvi mais tarde, definitivamente para Londres. Este relato sucinto de situação das mais dramáticas e, de certo modo, das mais arriscadas de minha experiência clínica revela de que maneira perigosa podem manifestar-se as acumulações agressivas não conscientizadas, isto é, não elaboradas, em psicossomatizações de caráter autodestrutivo. O paciente reagiu na situação descrita, depois do ataque ao treinador, imaginado como

mãe, com hemorragias internas, apresentando quadro clínico para o qual médicos muito competentes, como disseram, não encontraram suficientes determinações fisiológicas. No quadro exposto houve por um lado a situação tentadora do treinador como mãe, “cabo” e por outro a erupção do impulso reprimido. O treinador e a maioria do time exigiram de Paulo que agisse rudemente no interesse da vitória internacional, isto é, um comportamento em contraste absoluto com sua maneira de ser até então. Em outras palavras, um submisso crônico era esforçadamente exigido para reagir como agressor. Naquele beco sem saída ele capitulou.

Em minha opinião, só o início do encontro com o objeto bom (KEMPER, 1970/1965), através da pessoa da terapeuta, possibilitou ao paciente elaborar os traumas graves e capacitar-se para sobreviver, superando sua tendência autodestrutiva e disposição para morrer. Nesta exposição, vemos ilustrados os aspectos diferentes da função da agressão. Imensamente temida e reprimida, manifesta-se numa explosão de caráter destrutivo. Por outro lado, possibilitada pela atuação terapêutica, evidencia-se como “*ad-gredi*”, na disposição de reconquistar a vida, em vez de capitular no mundo.

A agressividade pode se manifestar no processo analítico, quando focalizamos de maneira cuidadosa e suportável o ódio reprimido. No episódio que passo a relatar de processo psicanalítico de maior duração a paciente conseguiu, apenas pela revivência, pela memória sentida, a revisão do “odiado”. Só assim pôde vir a suportar, nos limites do “impossível”, os parentes, chegando, afinal, a conseguir, de certa maneira, compreensão e reparação.

No quinto ano da análise esta paciente, durante memória sentida do ódio arcaico, interrompeu o contato formal com a mãe. Descobriu, na análise, que não tinha nada mais em comum com ela. Depois de cinco meses de distância absoluta recebeu, através de pessoa ligada à mãe, o recado de que esta fazia questão de visitá-la. A paciente, fortalecida em sua parte de ego são, respondeu que não aceitaria mais nenhuma exigência, direta ou indireta, de cumprir a tarefa de filha submissa e boazinha, que sempre lhe foi imposta. A mãe veio assim mesmo, e apareceu completamente diferente. Por exemplo, não criticou a vida livre da filha, não tentou controles, nem a ameaçou em seus aspectos “modernos”. A paciente na infância se ligara mais ao pai, negado pela mãe ao ponto de separar-se dele. Seu relacionamento com os homens, por esse fato, sempre foi difícil. Longe da mãe, no entanto, conseguiu relacionar-se mais esivelmente com um homem, vivenciado como seu.

Na visita, a mãe, sabendo da relação que a filha tinha, trouxe roupas íntimas para ela, exprimindo assim, de maneira simbólica, sua aprovação. Além

do mais, a mãe de nada se queixou e nada exigiu. Durante a visita, e especialmente no fim, quando a mãe mostrou preocupação de não demorar, a paciente sentiu uma profunda pena e algo de carinhoso para com, assim ela verbalizou, essa “senhora mãe”. Esta formulação não tinha nada de desvalorização pessoal e correspondia mais à possibilidade de perdão e, em algum modo, de reencontro. De fato, meses depois, isso se manifestava como estável. Nesses dois exemplos clínicos, a agressividade reprimida se manifestou principalmente fora da relação analítica. No último episódio, que passo a relatar agora, a manifestação do reprimido ocorreu na própria relação, transferencialmente.

O paciente durante dois anos e meio considerou que, possivelmente, quando era pequeno, teve suas raivas da mãe. Era uma consideração teórica, pois, quando a elaboração e a reconstrução do material comunicado pelo paciente, em fatos e sonhos, evidenciavam uma mãe fraca e reativamente supereigente, ele defendia a mãe idealizada com uma resistência fora do comum. Isso indicou que a mãe sempre se manifestava como vítima e que ele precisou idealizá-la. Uma vez sonhou que uma cobra enorme ameaçava a mãe.

Tentou salvá-la, atacando a cobra, reduzindo-a de tamanho, mas não pode evitar o bote dela na mãe. A interpretação, óbvia, muito o mobilizou. Na última sessão antes das férias, logo a seguir, mostrou-se muito tenso. Interpretei sua angústia de abandono, sua necessidade de garantir-se sempre através da atitude de bonzinho, com a qual evitava tomar contato com seu ódio arcaico reprimido, e acentuei que ele temia protestar contra minha ausência. Insatisfeito com as interpretações, sentiu-se mal compreendido e, assim, rejeitado. Saiu da sessão com o rosto fechado. Até então, sempre tinha um riso amável que eu interpretava como manifestação do contrário, ou como pedido de paz. Quando voltei das férias, encontrei o paciente com o rosto fechado e cheio de ira. Contou muito tenso, que, tomado de raiva, ao sair da última sessão antes das férias teve o impulso de cortar as cabeças das roseiras do meu jardim. A manifestação simbólica claramente revelada por esses impulsos foi elaborada e gradualmente aceita por ele. Um ano mais tarde se manifestava a consequente modificação desse problema grave do paciente, pelo reconhecimento de sua força primitiva, quando sonhou com um lindo tigre, livre, na praia.

Palavras finais

O presente relatório corresponde tanto aos aspectos comparativos onto e filogenéticos quanto, de maneira especial, ao material clínico de pesquisa e aplica-

ção da psicanálise moderna. Ele é, obviamente, uma comunicação sobre conceitos em transição. A agressão mais e mais se separa e não se confunde com impulsos puramente libidinosos, dentro da atual concepção psicanalítica. Lamentavelmente, só uns poucos psicanalistas, como, por exemplo, Jones (1957), Fairbairn (1952), Winnicott (1965) e Schultz-Henck (*op.cit.*), discordaram oficialmente do instinto de morte como referido às necessidades especiais de determinação básica da agressão. Concepção esta que não exclui que a agressividade possa tornar-se, quando não bem conduzida, em perigo que ameace a existência do ser humano, principalmente em agrupamentos, tais como clãs, instituições ou países. Por isso, apesar dos limites dos nossos objetivos imediatos, achamos que o tema em vigor poderia interessar mais e mais, do ponto de vista antropológico, em função da visão do mundo (*Weltanschauung*) àqueles que, pelas posições especiais que tenham, influenciam as massas (FREUD, 1955b), tais como políticos, juizes, teólogos, médicos, psicanalistas, sociólogos, psicólogos, pedagogos, professores, etc.

Devido a nossas observações clínicas em análises individuais e de grupo, repetimos que as experiências primárias vividas nas situações bi-tri e multipessoais do indivíduo em seu tempo remoto, especialmente no primeiro ano de vida, servem como modelo de suas futuras disposições familiares e sociais.

Em outras palavras: quando o “*ad-gredi* primário”, quer dizer, a busca e a consequente aproximação do primeiro objeto, a mãe ou figuras substitutas, não encontra afirmação, correspondência e concordância suficientes à expansão do indivíduo na vida, em seus aspectos pessoais e sociais, se mostra não só muito limitado como poderá ter manifestações associadas e, até, psicóticas.

A agressão é arma de dois gumes. De um lado, o “*ad-gredi*” para conquistar e possuir o primeiro objeto vitalmente necessário. De outro, pelas rejeições compactas e outros obstáculos sérios, reações destrutivas que limitem ou impossibilitam a expansão produtiva no mundo, culminando, às vezes, na autodestruição. Verificamos, pelo exposto, que qualquer criatura, humana ou não, necessita intensa dedicação materna que a acolha, e orientação e liderança paternas para garantir, na forma específica do seu “*ad-gredi*”, sua existência plena.

Finalizando o presente relatório, podemos dizer em referência ao exemplo simbólico de Schopenhauer (1942) dos porcos-espinho, também tratados de maneira fora do comum do ponto-de-vista psicanalítico por Edward Albee em “Quem tem medo de Virgínia Wolff”, que se o “*ad-gredi*” não leva para a aproximação, intimização (KEMPER, 1969) e, conseqüentemente para o contato profundo, o indivíduo corre perigo de uma solidão que ameaça sua sobrevi-

vência ou o provoca para crônicas reações agressivas destrutivas, que lhe impossibilitam e esterilizam a convivência, o “estar com” o outro (*Mitsein*).

Referências

- CRAIG, W. Appetites and Aversions as Constituents of Instincts. *Biol. Bull*, 34, 91-107, 1918.
- FAIRBAIRN, W.R.D. *Psychoanalytic Studies of the Personality*. Tavistock Publications, Londres, 1952.
- FREUD, S. *Além do Princípio do Prazer*. S.E. Vol. XVIII. The Hogarth Press, Londres, 1955a.
- _____. *Psicologia das Massas e Análise do Ego*. S.E. Vol. XVIII. The Hogarth Press, Londres, 1955.
- GEHLEN, A. *Der Mensch, Seine Natur und Seine Stellung In der Welt*. Junker und Durrhaupt. Berlim, 1940.
- HEIDEGGER, M. *Sein und Zeit*. Halle, 1927. International Universities Press, Inc., New York, 1965.
- JONES, E. The Life and Work of Sigmund Freud. Vol. 3, cap. 8, Basic Books, Inc., New York, 1957.
- KEMPER, A. K. A Interpretação por Alusão. *Estudos de Psicanálise*, 3, 1970; *Revue Française de Psychanalyse*, XXIX, 1965.
- _____. Mecanismos e Avaliação da Cura em Psicoterapia de Grupo. *Estudos de Psicanálise*, 1, 1969.
- _____. El Significado del Contato Epidermico en Relación con el Primer Objeto. *Rev. Uruguía de Psicoanálisis*. VIII, 3. Montevideú, 1966.
- KLEIN, M. *Contributions to Psychoa*. 1948.
- LORENZ, K. *On aggression*. Methuen & Co. Ltd. Londres, 1968.
- MARGOLIN, S. *A Consideration of Constitutional Factors in Aggressivity of an Indian Tribe*. Menninger School of Psychiatry, 1960.
- SCHOPENHAUER, A. *Ensaio*. Wiley Books Company. New York, 1942.
- SCHULTZ-HENCKE. H. *Der Gehemmte Mensch*. Georg Thieme Verlag, Stuttgart.
- WINNICOTT, D.W. *The Maturational Processes and the Facilitating Environment*.